

10
Bibliotheca de Livre Pensamento

ESPÓLIO PINTO QUARTIM

N.º 1083

B. 54

O Christianismo e a Razão

POR

PI Y MARGALL

AHRS

Preço 30 réis

LISBOA — IMPRENSA PROGRESSO
CALÇADA DE S. FRANCISCO —
23, 1.º ANDAR.

S.
B. 54

O CHRISTIANISMO

E A RASÃO

MUITO embora as antigas instituições sociaes subsistam, estão já transformadas. Têm experimentado cem evoluções e, em cada uma, perderam parte da sua força. Porque é que não soou já a hora da sua eliminação definitiva? Esta possibilidade é hoje para mim segura. Vou dizer porque, e examinar, com este fim, a natureza e estado do christianismo. -

Desprenda-se o leitor por um momento de todas as suas preocupações religiosas. Seja quem fôr, de seguro que já se lhe terá levantado, no fundo da consciencia, a sombra da duvida. A duvida é hoje geral entre os homens. Apparenta-se; julga-se crêr, e não se crê. Porque? Porque a razão veio examinar a fé, e a fé não supporta exame; a fé desvanece-se perante o exame, como ante a luz as sombras e as trevas. Ai! e a fé: é como a virgindade, não se readquire.

Ha muitos seculos que um philosopho levantou a voz e disse: — A RAZÃO É SOBERANA. — Depois que os povos assim o acreditaram, como é que se havia de conservar de pé algum mysterio? O mysterio é comtudo a alma das religiões; desmornemol-o e succumbem. Desde então começou a obra da destruição do christianismo. Não só foi atacado nas suas fórmulas; foi combatido na sua essencia, no seu espirito, no seu dogma, e em breve foi objecto da critica e do sarcasmo. O echo da nova impiedade repercutiu logo em todas as nações, chegou á nossa, ainda que mais tarde. Nossos paes ouviram-n'o e duvidaram; nós fomos já concebidos na duvida.

Ainda joven, sondei o coração de muitos, de muitos que a meus olhos criam. Em pessoa alguma encontrei a fé. Vi pelo contrario, agitar-se em todos o scepticismo debaixo do véo da hypocrisia. Os mais sinceramente religiosos exclamaram ao ouvir-me: — *Ai! deixae-me em paz, deixae-me fechar os olhos sobre tão terriveis questões*; sem advertirem, que por estas palavras revelavam tambem, que o monstro da duvida aluía as suas vacillantes crenças.

Que ha de estranho, para uma geração, que, ha vinte annos, viu arder os conventos da sua patria, derrubar, da ara sagrada dos altares, as imagens de Deus e dos santos, levantar sobre a ponta

das bayonetas as mumias dos primeiros martyres, fazer gala de levar a impiedade ao espirito, e aos labios a blasfemia? para uma geração que tem ouvido decretar, em pleno parlamento, a venda, em hasta publica, dos bens do clero, e hoje vê ainda os atheus, d'aquelle tempo, vivendo ricos e tranquilllos com o patrimonio da egreja? para uma geração, que viu a Italia arrojear, do Vaticano, os successores de S. Pedro, para uma geração que viu atear-se, no Oriente, uma guerra assoladora, e encobertas as suas causas verdadeiras, sob o pretexto hypocrita de quererem sustentar duas nações o seu pretendido direito á chave do santo sepulchro?

Dir-me-hão que exagero; que o reinado da incredulidade passou, e que a juventude volta os olhos ao Deus do christianismo. E' isto verdade? Despojada esta juventude de crenças e sem convicções por que substituil-as, sente a debilidade propria da duvida; eis aqui por que ora e se prostra. Ora de coração? É a simples idéa de Deus a que a faz curvar a fronte e dobrar os joelhos? Já não é a fé, mas a propria duvida que determina certos actos religiosos. Dizem que á beira do sepulchro chora e se arrepende, que reconhece toda a verdade da religião catholica, que abjura os seus erros; é possível que não se comprehenda que só a duvida lhe arranca tambem essa confissão sentida e dolorosa? As sombras da morte augmentam a duvida, como a neblina os objectos. Que será do meu espirito? exclama com horror o moribundo, concluirá com o meu ultimo suspiro? sobreviverá ao meu corpo? passará realmente a um tribunal divino e ouvirá sobre o seu eterno porvir a ultima palavra? As candidas crenças da infancia passam ante a sua imaginação em confuso turbilhão; e, aturdido, fóra de si, como o que se vê arrastado por espantosos abysmos ao fundo de um precipicio, se a encontra em suas mãos abraça-se com ardor á cruz de Jesus Christo.

Deixae que essa juventude, agora sceptica, se converta em pensadora; que descubra n'uma escola philosophica o modo racional de explicar as suas relações com Deus, a humanidade e o mundo; a duvida transformar-se-ha em negação, e não duvideis encontrar, dentro em breve, rodeiadas de silencio e soledade, as nossas egrejas. Que illusões cabem já sobre a bastarda devoção dos nossos dias? Não estamos ainda a ouvir a gargalhada, que acaba de soltar a Europa ao ler, que foi convocado um concilio, para proclamar um artigo de fé, da immaculada Conceição da Virgem?

O proprio clero perdeu a viva e ardente fé dos apóstolos. Vê triumphante a revolução? Cala e humilha-se. Vencida? Levanta a voz só para revelar a sua impotencia e pronunciar estereis palavras. Se quer estimular a caridade, fomenta o vicio; se pretende

accommodar-se ás tendencias da epoca, renuncia á sua natural gravidade e permite a profanação do templo. Não se presta geralmente ao sacrificio: a austeridade espanta-o. Invejoso, como o seculo, tudo põe a preço; a oração, a predica, os sacramentos. Até o seu chefe vende, a peso de ouro, as suas dispensas. Com ouro se propõem lavar as manchas do peccador contricto, com ouro abrir-lhe as portas do paraizo, com ouro manter, para elle, cerradas as do inferno, que mereceu. A duvida não corroe menos os seus labios, que os da cega multidão.

Pois bem, esta duvida, quasi universal, nada diz em favor do mais ou menos proximo desaparecimento do christianismo? Não esqueço que, n'estes momentos, é quando se falla mais do Evangelho, que os democratas e até socialistas asseguram, estar n'elle a base dos seus dogmas; mas estes factos, longe de contrariarem a minha idéa, favorecem-a e confirmam-a. O Evangelho, destituído já do seu mysterio, entrou no dominio commum, e pertence a todo o mundo. Susceptivel de differentes interpretações, presta-se ao apoio de diversas opiniões e serve de arena a todos os partidos.

Os democratas, e sobretudo os socialistas, que por effeito da sua debilidade, temem sempre assustar e sublevar contra si a consciencia dos povos, não era natural que deixassem de ir buscar n'elles a sua legitimação e o seu baptismo. Acreditam uns ou outros no que estão dizendo? O socialismo é precisamente a anthithese do christianismo; a democracia, na sua ultima expressão, a negação do principio de autoridade, consequencia obrigada de todo o systema religioso: assegurar sinceramente, que algum dos dois deriva do Evangelho, seria o maior dos absurdos.

Jesus Christo não foi mais do que o Socrates do imperio dos Cesares; não veio fundar governos, nem organisar sociedades sobre cimentos novos; veio tão sómente semear os germens de uma regeneração futura e depurar o corrompido coração do homem.

Não chegou ainda a hora de formular o meu juizo sobre a doutrina de Jesus Christo. Um pensador hespanhol, que escrevia em principios do seculo XVII, dizia, n'uma das suas obras, partindo do principio de que a verdade deve ser uma só: *Ai da religião quando os sacerdotes, estão em opposição com os philosophos! Não foi a palavra de Jesus, mas sim a da philosophia, que matou o antigo paganismo.* Este pensador era catholico, era além d'isso jesuita, chamava-se o padre João Marianna. As suas palavras, não eram, de certo modo, um grito de espanto e de terror, produzido pelo divorcio, que havia começado a pronunciar-se entre a universidade e a egreja? Que incontestavel verdade aqui se não encerra? Vêde o Egypto, vivendo por espaço de quarenta

seculos á sombra dos mesmos deuzes; quando é que teve alli a sciencia outros propagadores, que não fossem os sacerdotes? Traduziu-se aos olhos do povo em hieroglyphicos; esteve sempre identificada com a religião, envolta nas mesmas nuvens e mysterios. O brahamanismo domina hoje, com equal razão, em grande parte da India, como nos tempos de Alexandre; o mahometismo no Oriente e Meio-dia, como na epoca dos primeiros emires e califas. Como havia porém de resistir o paganismo á acção dos systemas de Platão e Socrates, de Zenão e Seneca, se esses systemas o negavam, e tinham a seu favor todas as grandes intelligencias e todos os homens pensadores?

Julgo inutil dizer se o christianismo se acha n'este caso. A sciencia nem só se tem divulgado, entre nós, fóra do recinto do templo, deixando-o mergulhado n'uma escuridão profunda. Destruiu-lhe a sua base religiosa, e até negou que a revelação fosse possivel. Partiu, não já de Deus, mas sim do homem, a quem tem considerado, por fim, como origem de toda a realidade, fonte de toda a certeza, raiz de todo o direito, sciencia d'esse mesmo Deus, que até hoje buscámos fóra do mundo dos phenomenos, e tambem do mundo da intelligencia. Se não chegou até á negação do ser, chegou pelo menos a mudal-o de logar e a despojal-o dos seus antigos attributos.

Maior antagonismo entre a sciencia e a religião, estou que não póde haver.

A egreja ameaçada não deixou de tentar alguns esforços para contrabalançar os effeitos de rival tão formidavel; devia porém conhecer, que abria, pelas proprias mãos, o seu sepulchro, e impôz silencio aos seus mais zelosos defensores: *Quereis conciliar a rasão e a fé, lhes disse, e estaes a feril-as com as vossas proprias armas. A fé que raciocina deixa de ser fé; a fé não tem outro apoio senão o da palavra de Deus escripta nas paginas dos livros santos. Contra o impio, que principia por negar a base da nossa religião, não temos mais do que o anathema.* E todos se tem calado, ou se tem separado abertamente da egreja, uns passando-se com armas e bandeiras para os dissidentes, outros volvendo a encerrar-se na letra morta das escripturas. Não vos disse tambem coisa alguma em favor do mais ou menos proximo desaparecimento do christianismo, essa larga e marcadissima discordia, esse obrigado silencio da egreja ante os embates da philosophia e da critica, esse reconhecimento de que a razão e a fé são de todo o ponto inconciliaveis?

As religiões, em geral, não são mais do que um ponto de partida para a rasão do homem. Nada contém de definido, de claro,

de elevado no terreno da alta abstracção e da theoria. Para a sua expressão, servem-se do symbolo, da parabola, da linguagem figurada, de tudo o que póde impressionar a imaginação e os sentidos; rara vez, quasi nunca, da linguagem propria da sciencia. E é, como disse Kreuzer, referindo-se ás antigas mythologias, não porque acreditem dever usar d'esta linguagem, senão porque não podem usar outra, attendendo ao estado da rasão d'aquelles tempos. A humanidade, em sua infancia, não sabe conceber uma idéa, que para logo lhe não dê fórma, isto é, que a não materialise em um objecto.

Jesus Christo veio ao mundo, n'uma idade historica muito mais adiantada; nem por isso deixou de encerrar o seu pensamento sob o sello do enigma. Fallou quasi sempre por apologos; não formulou nunca de um modo bem preciso e determinado o seu systema. Diffundiu, aqui e alli, as suas idéas conforme lh'as foram inspirando as circumstancias de momento; jámais se deteve em explicar a relação, que as unia, a fonte d'onde derivavam. Revelou aspirações a grandes reformas, não ensinou a maneira de as realisar; limitou-se a annuncial-as e a dar-lhes, ao menos, a base. Assentou principios sem indicar sequer as mais naturaes e immediatas consequencias. Condemnou os abusos da sociedade e deus, por unica alavanca revolucionaria, A CARIDADE, um mero sentimento.

Para julgal-o temos o Evangelho; empraso qualquer a dizer-me, se ha, n'esse livro, elementos para constituir uma sociedade politica, uma theoria philosophica e uma religião completa. A egreja, para fazer d'elle um todo logico, teve de estudar e discutir durante seculos. Que ha, finalmente, dentro da doutrina de Jesus Christo, senão o que nos apresenta toda a doutrina religiosa; idéas que servem de crysalida a uma revolução politica, social e philosophica, uma roda giratoria que encaminha a humanidade por uma nova senda, a cinza das velhas idéas de que ha de renascer mais tarde o genio da sciencia? O genio renasceu já, a revolução rompeu a sua crysalida; que pensaes que seja hoje o cristianismo, senão uma arca vasia? A verdade, tem razão Marianna, não pode ser senão uma. Se crêdes que está na sciencia, o christianismo; morreu; se está no christianismo não ha progresso. Dizeis que está no christianismo; já não ha idéa fundamental de Jesus, que não tenha passado por cem transformações, filhas da sciencia. A idéa de solidariedade substitue a de fraternidade entre os homens; a de caridade vem traduzida pelas palavras: DIREITO Á EXISTENCIA E AO TRABALHO; a de igualdade perante Deus converteu-se na igualdade de condições; a de unidade divina na de identidade absoluta do ser e da idéa; a de trindade, na de tricotomica; a de universalidade do Ver-

bo, na de pantheismo; a da infallibilidade da igreja, na de infallibilidade de toda a nossa raça. Accrescentae a isto, que o sacerdote se nega a reconhecer as nossas idéas, como filhas legítimas das do Evangelho; e vêde se não é já o christianismo completamente inutil, vêde se não está condemnado a lutar, vêde se não é facil que succumba e morra.

Pela minha parte vejo-o morrer, vejo-o tremulo, agitado, convulso; contemplo o na sua agonia. Que importa que tenha ainda templos, se está desterrado da consciencia do homem, que raciocina? Quando estava em seu apogeo dominava material ou moralmente a sociedade, cujos problemas resolvia. Os reis inclinavam a cabeça ao peso dos seus anathemas, os povos recorriam a elle contra a tyrannia dos reis. A's almas gastas pela injustiça dos homens, abria-lhes as portas do tranquillo e silencioso claustro, ao enfermo as dos seus numerosos hospitaes, ao reu perseguido pela espada das leis um asylo, ao pobre os seus hospicios e os seus mosteiros. O sentimento da caridade bastava-lhe para mitigar, se não remediar, os males dos povos. Hoje, no entanto, impellidos, pela lei da fatalidade ou do progresso, viemos parar a um desenvolvimento industrial, que suscita a cada passo atterradoras e difficeis questões. O pauperismo estende-se por todo o corpo social, como uma chaga cancerosa; os nossos mesmos progressos o fomentam. Experimentam-se constantemente baixas nos salarios, ao passo que a civilisação augmenta as necessidades; e, em occasiões dadas, os operarios pedem, a milhares, pão para seus filhos. Como dar-lh'o? Hoje não lhes podemos dizer, como os antigos consules á plebe romana: *Ide e tomæ a espada, conquistæ o mundo*. Nem o mundo se deixaria conquistar, nem o operario consentiria em trocar as suas ferramentas pela espada. Hoje a caridade tibia e impotente em si para alliviar males organicos, nunca pôde tão pouco ser applicada, como um balsamo ás feridas dos povos. Apresentae o problema á igreja e vêde se o resolve com toda a sua pretendida sciencia divina; vêde se, ao menos, pôde fazer callar a multidão faminta. Temos já presenciado na nossa patria o triste espectáculo de turbas de operarios, sublevados contra a lei fatal dos seus salarios; em meio de que turba ouvimos nós já resoar a voz dos homens da igreja?

Ah! conhecem a sua impotencia, e sentem-se sem prestigio entre as massas.

È hoje em dia que ha a esperar do christianismo? Vê levantar-se em toda a parte as sombras da duvida e não pôde dissipal-a; tem em frente a sciencia armada de todas as armas e não se atreve a combatel-a; lê, a cada momento, os problemas espan-

tosos, mil vezes escriptos com o sangue dos povos, e permanece mudo, como a sciencia da antiguidade ante as esphinges do Egypto. Tudo tem caminhado e só elle tem permanecido immovel. Como quereis que não esteja desorientado?

A sua immobilidade e só a sua immobilidade o perde. Póde acaso deixar de tel-a? Percorrei o catalogo de todas as religiões conhecidas e vêde se ha uma só que não tenha descido ao sepulchro com o manto que recebeu no berço. Toda a religião se julga filha de Deus, e como Deus é absoluta. Toda a religião se oppõe ao menor pensamento de progresso. Concedei-me que parta por um momento de uma hypothese. Se a força dos successos não tivesse prevalecido sobre os constantes desejos da egreja, se esta continuasse a conservar o predominio dos tempos de Hildebrando, que seria de nós? Onde estariam ainda as sciencias naturaes e mathematicas, base de todos os nossos progressos materiaes? A astronomia continuaria encerrada nos estreitos moldes de Ptolomeu e Ticho-Brahe, a geographia pouco iria além das columnas de Hercules sobre as aguas do Oceano, a physica encerrada nos livros de Aristoteles não teria ainda arrancado da mão de Jehováh a espada da colera divina. Que progresso alcançou já a humanidade que não causasse susto e espanto aos pontifices? Não amaldiçoou, ha pouco, Gregorio XVI, os caminhos de ferro e as machinas?

Ide agora á egreja e perguntae-lhe o que pensa ácerca dos vossos direitos politico-sociaes. Choraria lagrimas de sangue e elevaria a voz aos céos, se amanhã ouvisse as côrtes proclamarem a liberdade de consciencia e a de cultos. Trajaria hoje já de luto e revelaria a maxima amargura, se visse assentada e segura, sobre as ruinas do throno, a Republica. Entre o exercito e a força cidadã, optará pelo exercito; entre o retrocesso e a revolução, preferirá sempre o retrocesso. Não lhe falleis de reformas sociaes, por que não crê nas reformas. Transformae a caridade, adulterae-a, viciae-a, procurae estimulal-a com o excitante de jogos immoraes e espectaculos sangrentos: não lhe importa; mas, fallae-lhe de organização e de decretos, sahi do circulo d'essa caridade tão impotente? De seguro a tereis por inimiga. Dae-lhe, pelo menos, um só anno de poder, e vereis aonde vos leva.

Ha seculos, que todo o progresso se faz no mundo christão contra a vontade da egreja; como quereis que viva ainda, que o progresso a não mate? Repito-vos, não obstante, que não ha de que culpál-a. Como havemos de culpál-a por obedecer á lei da sua existencia? Attendendo á sua razão de ser, toda a sua intolerancia é pouca, toda a debilidade indescupavel. Combatida em toda a parte, longe de cruzar os braços e esconder a frente, deve levantar-se com

dignidade sobre a tripode, e pronunciar o anathema. Anathema contra todo o que profana a arca santa das suas crenças! Anathema contra todo aquelle que pozer em duvida uma decisão dos seus concilios ou dos seus pontifices. Anathema contra aquelle que em philosophia, em politica, em economia, em sciencias, se oppo-nha ao espirito, ou á letra dos Evangelhos! Anathema contra todo aquelle que pretenda menoscabar os seus direitos! Direis, que se sublevaria a razão contra tão insupportavel despotismo ou acabaria por despresar os anathemas; por este facto, vindes porém confessar, que ha, como disse, entre a razão e a fé, um antagonismo necessario? Nãs vindes além d'isso confessar que admittis a religião sem os meios indispensaveis para conserval-a? Ah! Quem é que não conspira já hoje contra a sorte da egreja? O democrata, que busca, ou apparentá buscar no Evangelho a base dos seus dogmas, tira-lhes o character religioso á força de violentar a interpretação dos textos sagrados; o democrata, francamente impio, aspira a arrebatat-lhe o sceptro e a corôa, suscitando-lhe cem rivaes por meio da liberdade de cultos; o hypocrita progressista entoou canticos de triumpho, quando um dos seus ministros attentando contra o mesmo principio, que a propunha livrar de obstaculos, prohibiu que os bispos levantem a voz contra o escriptor hereje; o conservador cede-lhe direitos a que não dá importancia, em meio do seu indifferentismo religioso e philosophico, contanto que o não interrompa na posse dos bens que não teve a audacia de arrebatat, mas sim de comprar por baixo preço; o absolutista fallar-lhe-ha amanhã com orgulho se a ouvir protestar contra essas absurdas regalias, filhas tão sómente de mesquinhos temores e mais mesquinhos zêlos. Em vão celebra a egreja pactos de alliança com reis ou soldados; o rei olha-a já como escrava, e o soldado tem sempre sentido certa repulsão por ella.

Pelo que diz respeito á religião não ha consequencia em nenhum homem, nem em partido algum; por isso affirmo que trabalham todos contra o mesmo que apparentemente defendem. Vós, reis da terra, acreditaes ou não que Jesus é Deus e deixou, por seus representantes, aos successores de S. Pedro? Porque é que antes de ir terminar as vossas dissensões no campo as não sugeitas á decisão do pontifice? Se acreditaes na independencia da egreja, porque é que vos envolveis nos seus negocios e lançaes muitas vezes a vossa espada na balança das suas decisões? Porque é que vós, ungidos pela sua mão, a humilhaes, a ponto de vos fazerdes conduzir debaixo dos seus pallios, quando atravessaes os umbraes dos seus templos? Porque é que vos sublevaes á simples idéa de que o seu poder possa limitar ou escurecer o vosso? Os povos são

ainda mais inconsequentes que os reis. Christo aconselha-lhes a resignação; elles não lhe pedem senão beneficios e blasphemam a cada nova calamidade que soffrem. A egreja não lhes exige senão um tributo; elles negam-lh'o, para logo que rebenta uma revolução, que talvez maldizem do fundo da alma. Christo diz-lhes: *Amae-me em espirito e em verdade, não de palavras*; elles contentam-se com recitar formulas que não comprehendem e beijar imagens. A sua fé é só apparente, a sua caridade nulla, os seus pensamentos impios, a sua alma o campo onde luctam os mais bastardos intesesses.

E fallamos ainda de religião, e protestamos contra a idéa da sua morte!... Quando a egreja não tem já um appoio sincero e perdeu o seu maior prestigio; quando só póde dar o *statu quo* e nos abraza a todos a sêde ardente de progresso; quando proclamamos a auctoridade da razão e ella nos dá a fé, sua antagonista; quando nos chegou já transfigurada toda a idéa religiosa; quando andamos vacillando a impulsos da duvida!... A urna que o christianismo teve no coração do homem está vasia; elle mesmo sente-se morrer e nós empenhamo-nos em suster-lhe a vida.

Entretanto ainda não entrei na questão; não tenho feito mais do que examinar, até agora, o triste estado que é objecto da minha critica.

Vou agora examinar a sua natureza, revelar as suas contradições, descobrir o segredo que minou e mina a sua existencia: trabalho que effectuei n'outro livro, e me limitarei a reproduzir com mais precisão, com dupla força.

Conforme entendem muitos escriptores catholicos, o Evangelho brotou de repente, como um manancial de luz, para dissipar as trevas do velho paganismo. Jesus Christo, filho de Deus, dizem, escreveu sob a inspiração da verdade eterna, sem consultar os antigos oraculos, nem abrir os livros dos seus antecessores. Que erro tão grave! Estes piedosos varões não observaram sem duvida, que fallando assim, blasphemavam, ultrajavam a divindade e o homem. O homem havia passado então trinta seculos extraviado pelos desertos da vida, arrastando uma existencia esteril; toda a sua sciencia teria sido um sonho; a sua historia o espectaculo de cem gerações, que cruzam o mundo sem a consciencia dos seus destinos e correm a submergir-se nos abysmos da morte. Deus havia-o visto cair sem lhe estender a sua mão poderosa, perder-se nas trevas sem o allumiar com a luz do Evangelho. E para fallar-lhe esperou para mais de tres mil annos! A nossa doutrina da perfectibilidade, ainda que de mais humildes pretensões, é muito mais racional, menos impia.

Não, não é certo que Jesus Christo viesse a despedaçar bruscamente, a cadeia da antiga sciencia; Jesus não foi mais do que

um elo componente da mesma cadeia. Foi o continuador de Platão e Zenão, o apóstolo dos essênios do seu tempo, a personificação de uma das mais importantes evoluções da philosophia. O pensamento de Platão reflete-se no fundo da sua obscura theodicea; o de Zenão, em sua moral; o da escola essênica, nas suas tendências de fraternidade e communismo. A experiencia está já feita; não ha uma idéa fundamental no Evangelho, cuja origem não encontremos nas paginas dos philosophos judeus ou pagãos.

A importancia de Jesus Christo, consiste em ter sentimentalizado e arreigado as idéas que existiam no coração do povo, em tel-as depurado, em ter aberto com ellas novos horisontes. Deixou-as escriptas com o seu sangue, e assim alcançou as sympathias de todo o mundo. Quem pôde já desconhecer a immensa influencia que por muitos seculos exerceram? Cahiram á sua acção os ferros do escravo, a igualdade abriu passo na esphera do poder e nos livros das leis, poseram um freio á tyrannia dos dominadores, o homem deixou de vêr com indifferença os sentimentos do seu proximo. As idéas de familia, de cidade, de patria arreigaram-se; começou a reinar a fraternidade universal entre os homens.

Produziu, comtudo, o Evangelho, uma revolução completa? Ah! O escravo foi depois servo, mais tarde vassallo, mais tarde proletario; a escravidão não tem feito mais do que modificar-se e mudar de fórma. Levou porventura a legislação o principio de egualdade até ás suas possiveis e naturaes consequencias? Vejo os imperadores destruindo com uma das mãos os antigos privilegios, amontoando-os com a outra sobre a frente da mesma egreja. Da destruição da tyrannia civil e politica surge a tyrannia religiosa; o fogo da guerra que hontem se accendia só nas fronteiras dos povos, arde agora no seio dos mesmos povos, e provoca á luta a mitra e a corôa. A caridade, que, em momentos dados, faz dos homens heroes e dos heroes deuses, fica suffocada a cada passo pelo grito dominador do egoismo; a voz da fraternidade não consegue harmonisar as encontradas paixões dos despotas.

Que significa essa dupla serie de factos tão contraditorios? A contradicção existe no fundo mesmo da doutrina de Jesus Christo. Como é que não hade existir nos factos? Que disse Jesus ao mundo? *Não ha mais que um Deus e somos todos filhos d'esse Deus; todos somos irmãos.* Principio, na verdade, fecundo, se mais logico e menos mystico, o seu auctor o houvesse enunciado com a impassibilidade do que tem absoluta fé na sua idéa: *Toda a desigualdade social é pois absurda.* A tyrannia teria cahido então por sua base e sob todos os seus aspectos; toda a divisão de castas, de raças, de classes se tornaria insustentavel; pela força só do

principio teria o homem deixado de ser dominado e explorado pelo homem. Mas Jesus Christo não se atreveu, ou não julgou preciso dizer tanto. Sem advertir que somos foco de mil virtualidades contrapostas, resumo de todos os antagonismos do mundo sensível, seres que nos vemos obrigados, a cada momento, a apagar o raio de amor com que veio illuminada a nossa alma, commetteu o erro de abandonar a realisação da sua generosa maxima aos nossos sentimentos, cuja acção é, e não pôde deixar de ser, passageira, contraditoria, vaga e alem d'isso incerta. Podia desconhecer que o circulo da caridade se vae estreitando fatalmente, á medida que contrahimos vinculos mais fortes de familia; que no homem ha sempre um sentimento, que suffoca a voz dos demais, ou, quando menos, a enfraquece?

Poderia deter-me, sobre este ponto, com largas e transcendentales considerações philosophicas; temo porém separar-me do meu objecto e ser injusto accusando o auctor de uma religião, de faltas, que a idéa da religião traz consigo. Quero limitar-me a revelar a contradicção capital do christianismo. O que é que presuppõe o principio da unidade de Deus, senão a egualdade, isto é, a harmonia social, a liberdade, o direito? Que pôde trazer-nos, por consequencia, o principio de dualismo do ceu e da terra, exposto pelo mesmo Jesus Christo, senão o *statu quo*, quer dizer, a legitimação do real, d'essa mesma desigualdade, contra a qual se invocava com inspirada voz a colera divina? Vêde, pois, porque é tão vacillante a marcha da egreja; porque ataca um abuso e amanhã o sanciona; porque começa por querer destruir a base da sociedade antiga e transige logo com os que a exploram e dominam; porque conspira algumas vezes contra si mesmo. O segundo principio limita incessantemente a força do primeiro, e o primeiro por fim succumbe. Succumbe em mãos dos reis, a cuja mercê se entrega a egreja, arrastada por uma deducção logica d'este fatal dualismo.

E que é a terra para os christãos? A mansão de todo o genero de males, um logar de prova, onde almas decahidas, vimos expiar os crimes, commettidos, ha quarenta seculos, e encontrâmos, á força de sacrificios, o caminho de um paraiso que perdemos. O que é o céu? Uma morada do bem, onde são contadas uma a uma as lagrimas e os suspiros, que exhalâmos, e onde, depois da morte, nos esperam gosos proporcionados aos nossos soffrimentos. O mal que padecemos cá n'este mundo é pois um verdadeiro mal, ou um mal ficticio? Se o delicto existe, se a expiação é necessaria, se quanto mais dura é a minha expiação, tanto maior é o meu direito ao bens da outra vida, não hei-de suppôr-me naturalmente feliz em soffrer fomes, humilhações, enfermidades, toda a classe de tor-

mentos? Se não supporto privações, não hei-de naturalmente buscar-as? Com que direito me heide assim queixar do que me opprime, nem repellir dos meus labios o calix de dôr com que me brindar a ingratição e o dolo? Os infortunios aplanam-me o caminho do paraiso, e hei-de empenhar-me em prevenil-os e alligeiral-os? O mal, debaixo do ponto de vista christão, é a porta do bem, é o proprio bem, não; se sou logico e tenho fé, não o combatarei nem em mim, nem nos meus irmãos. Terei um só desejo: o soffrer; uma unica consolação: vêr estendida sobre a minha cabeça a mão da morte. Qual é a fonte de todo o bem? perguntarei a mim mesmo; e vendo que é Deus, atravessarei, com os olhos fitos em Deus, a trabalhosa senda da vida. A minha existencia será uma continua preparação para o sepulchro.

Sei que geralmente não succede isto; são por isso menos legitimas as consequencias que deduzo? A vida do anachoreta tem sempre sido considerada como a mais christã. O que é o anachoreta? Um homem que se isola do mundo, que sacrifica ante os altares de Deus, todas as affeições de familia, que debilita, macera as suas carnes, que se concentra no Senhor, e espera que o anjo dos tumulos venha romper-lhe as prisões e abrir-lhe as portas dos ceus. As consequencias não tem sido deduzidas só por mim; foram-n'o por cem varões eminentes do christianismo, que figuram no catalogo dos fundadores e dos santos. Porque é, que além d'isso, os christãos dos primeiros tempos ambicionavam os tormentos do martyrio e para merecel-os provocavam as iras dos seus implacaveis inimigos? Nas festas do paganismo frequentemente tomavam a dianteira á multidão e derrubavam, da ara, as imagens dos deuses do Olympo. A que se pôde attribuir esta imprudencia, condemnada pela egreja, senão ás suas ardentes aspirações ao paraiso?

Se em todos os tempos poucos tem sido os que tem seguido o caminho do martyr e do anachoreta, que provava isso se não que um principio cuja applicação, contraria á natureza do homem, não pôde nunca chegar a todas as suas naturaes consequencias? A propriedade e a familia attrahiram constantemente as nossas vistas desde o ceu á superficie da terra; o laço economico que nos une aos demais homens, far-nos-ha interessar pela sociedade em que vivemos; o vinculo psychologico que medeia, entre nós e o universo, não permittirá que o olvidemos, nem o odiemos. Os sentidos, a intelligencia, as paixões, como hão-de ainda menos permittir essa especie de annullação, a que nos condemna esse dualismo? A vida puramente ascetica, é um suicidio, que felizmente realisarão muito poucos, attendendo ao numero de individuos que compõem a nossa especie.

Desgraçada da humanidade se as consequências d'este principio fossem, ou podessem, ser aceitas pela maior parte dos homens! O que é a morte para o que tem fé na identidade do ser e do espirito? Uma transformação, um novo accidente da vida. O que é ella para o que crê no dualismo do ceu e da terra? A extincção completa da propria vida. Para este, o que é a humanidade depois da morte, mais do que uma palavra? Para aquelle, o que é senão o meio d'onde hade renascer e participar do bem para que contribuiu com os seus esforços? Um sente-se, pois, solidario com a humanidade no tempo, o outro insolidario; um está disposto a sacrificar-se pelos filhos dos seus filhos, o outro só para salvar a sua alma das regiões do inferno. Julgar-se-ha este, quando menos, solidario com a humanidade no espaço? já o disse; o moderno anachoreta não vê fóra de si mesmo, senão Deus e o sepulchro, que o impede, por um dado tempo, de voar aos pés do throno de luxo em que brilha esse mesmo Deus, circundado de magestade e gloria. Que interesse hade para elle ter a humanidade, quando não logra inspirar-lh'o, nem a patria, nem os seus proprios paes; quando aborrece a mulher, que havia de compartilhar, com elle, os prazeres e as dôres da vida; quando para ser mais perfeito se esforça em atravessar o mundo, sem deixar atraz de si o mais leve rasto da sua esteril existencia?

A sancção do mal sobre a terra, a insolidariedade, a annullação moral do homem, eis aqui, por fim, os resultados do dualismo. Que vem a ser, pergunto agora, a humanidade, se nos não considerâmos solidarios com ella? Haverá só individuos; a humanidade não será mais do que um producto da razão, uma chimera? E' completamente inutil que fallemos das suas leis, inutil que trabalhemos pela realisação do seu destino? O seu destino? Ah! Esta palavra na bocca de um dualista é um sarcasmo. Para que é que, segundo elle, estamos todos aqui, senão para lavar com lagrimas e sangue, uma mancha, que ainda não puderam desvanecer as lagrimas nem o sangue de cem gerações? Não recordeis, ao menos a humanidade ao dualista, porque, para elle, cada homem livre se concentra em Deus; morto, une-se com elle ou baixa, por uma eternidade completa, ás ultimas regiões da morte.

Quereis ainda mais clara a contradicção do Evangelho? Segundo o seu principio de fraternidade o homem está identificado com a sua especie; segundo o dualismo, identificado com Deus. Conforme o primeiro deve combater o mal, onde quer que se apresente, conforme o segundo, acceital-o como condição da sua existencia. Ao passo que um leva ao socialismo, o outro leva á divisão, á legitimação de injustiça; ao passo que deixa áquelle certa vida e

liberdade á intelligencia, este a esmaga sob o peso das idéas poderosas; a de Deus, que é o seu objecto, a do mal necessario, que é o seu motor, sua fatalidade e o seu castigo.

E não são estes só os tristes effeitos do dualismo. Deu e dá motivos á criação de dois poderes, que pelo simples facto de o serem, se excluem, e hão de estar em guerra até que um dos dois destrua o seu terrivel antagonista; poderes, que, pela natureza do proprio principio, que estou analysando, vivem não obstante e não podem deixar de viver; independentes. Refiro-me ao poder civil e ao ecclesiastico. Em que epoca tem deixado de invadir-se mutuamente? Constantino foi o primeiro imperador que abraçou o christianismo e reconheceu a egreja. Seu filho Constancio arrojou já a sua espada no meio do concilio de Milão, por este se negar a favorecer as suas pretensões. Outro imperador pretendeu logo resolver á força d'armas, a questão dos iconoclastas, e, poucos seculos depois, Gregorio IV, atrevia-se a desthronar, em nome de Deus, o filho e successor de Carlos Magno. Basta só recordar as aspirações de Gregorio VII ao dominio do mundo, as guerras do pontificado e do imperio, o saque de Roma pelas tropas de Carlos V, da Allemanha, o desterro de Pio VII, por Napoleão, as mil concordatas celebradas, entre pontifices e reis, para, desde logo, nos convenceremos, se é ou não a existencia d'estes dois poderes, um motivo constante de discordia. Todo o poder tende fatalmente ao exclusivismo, ao puro absolutismo; o maior dos impossiveis é que jámais se harmonisem. Porque é que o monarcha de Inglaterra é conjunctamente rei e pontifice? Porque é que o Czar de todas as Russias é ao mesmo tempo chefe dos seus exercitos e cabeça da sua egreja.

A separação dos dois poderes tem sido, não ha que duvidal-o, mui funesta para o christianismo. As luctas que tem provocado, tem-lhe quasi sempre attrahido o odio e a maldição das nações combatentes, que o tem apresentado, em espectaculo, á face de todos os seus sectarios. O papa teve que reunir em sua cabeça a thiára e a corôa, pondo-se, em aberta contradicção, com os seus principios; teve que sollicitar a alliança dos povos poderosos, que lhe tem arrancado lamentaveis concessões. Por uma vez que dictou leis aos imperadores, recebeu-as vinte, e, em todas, perdeu parte da sua força e do seu prestigio. Que de sangue se teria poupado, consentindo Constantino em renunciar o seu titulo de pontifice maximo, a troco do de pontifice christão! A egreja, porem, não haveria provavelmente cedido; não podia ceder, sem negar a mais logica e terminante consequencia do dualismo.

Admittindo que só o ceu é a morada do bem, Deus, que é o bem absoluto, onde hade residir e reinar senão no ceu? Jesus Christo,

filho de Deus, foi pois, logico ao dizer: *o meu reino não é d'este mundo*. Não; o reino de um Deus não póde estar onde o genio do mal assentou o seu throno. Jesus no entanto baixou á terra. Para quê? Para nos ensinar o caminho do mesmo ceu; quer dizer, para governar as almas, não os corpos; para attender aos nossos interesses espirituaes e eternos, não aos nossos interesses temporaes. Estes interesses, disse elle, estão a cargo dos cesares. Elle e os seus representantes, que posição haviam de occupar, em face dos poderes constituídos, senão o de outro poder tanto maior e mais forte, que se exercesse puramente sobre os espiritos? Antes de morrer tinha já os seus apóstolos, os seus discipulos, a sua *Egreja*, o seu estado, dentro e em face do estado. Que lhes deu por armas? A palavra. Por governo? A direcção dos espiritos. Por sciencia? As suas proprias revelações, no seio dos concilios dos fieis. Por vinculo? A caridade reciproca. Por herança? O mundo, tal como estava, com os seus escravos e reis. A divisão dos dois poderes era pois inevitavel; derivava do dualismo, vinha consagrada pela pratica do heroe dos Evangelhos. A igreja, sem attentar contra si mesmo, nem se oppôr aos planos do seu chefe, não podia consentir em sujeitar-se sob o sceptro imperial de Constantino. Que lastima para a sorte dos povos!

Deverei dizer-vos mais, defensores do christianismo e da igreja? Examinei a situação e natureza d'esta; revelei os seus vicios organicos e tendencias logicas; manifestei o seu isolamento, a sua decadencia, a sua incompatibilidade com as necessidades geraes da civilisação moderna. Sabei, para sempre, o que pedis, vós que a consideraes e a quereis conservar, como a chave das nossas velhas sociedades. Pedis a immobilidade, a morte do vosso entendimento; pedis a legitimação de todos os males, que affligem os povos; pedis a escravidão das escravidões, a da consciencia; pedis um obstaculo, uma vala, um escolho mais para o progresso; pedis a prolongação das nossas luctas, a do nosso estado *de guerra*. Estaes pela reacção, e pouco importa que o progresso encontre obstaculos; recordae, porém, que o christianismo se oppõe não já simplesmente ao progresso da sciencia. O que é a nossa especie sem a sciencia, senão um comboio sem locomotora, uma machina de vapor sem fogo? Sentis, pensae; o vosso pensamento constitue o vosso orgulho, e quereis que vol-o encerrem, dentro de um circulo inflexivel que vol-o amarrem sobre novo leito de Procusto? Pugnaes, pois, pelo vosso proprio embrutecimento? Clamaes porque vos tirem a mais brilhante das prerogativas?

Descei ao fundo da vossa consciencia que encontraes, senão a duvida?

Duvidaes, e suspiraes por que o objecto da vossa propria duvida vos obstrua todo o caminho que possa dissiparvol-a?

Vós, democratas e socialistas, que tão candidamente vos chamaes ainda filhos do Evangelho, adverti que incorreis ainda n'uma contradição maior, em um maior absurdo! Se quereis partir do Evangelho, deveis despojar-vos primeiro da sua contradição, eliminar um dos seus termos, isto é, destruil-o. Como, admittindo o dualismo, vos atreveis a fallar de reformas, deixando entrever uma era de paz e felicidade aos que soffrem? Guardae-vos de despertar tão insensatas illusões, por que esse mal que combateis é um mal inherente á nossa natureza de homem, um mal irremediavel, um mal insuperavel? Rasgae esse livro santo ou não protesteis nunca contra os nossos soffrimentos. D'outro modo os vossos protestos são injustos, são pueris.

Mas, necessito dizer a uns e outros, que conspirem contra o christianismo? Provei já que ha uma lei social para a humanidade e que, é, como toda a lei, indiclinavel. Quem hade impedir que se realise? A egreja? O christianismo? Ah! a humanidade, impellida por esta lei, passará, ainda que o não queira, sobre o cadaver da religião cahida. Deixae, deixae que a egreja se levante contra o progresso? Quanto maior fôr a sua resistencia, tanto maior será o impulso dos povos, tanto mais breve se assentarão vencidos e vencedores, sobre as ruinas dos templos.

De que serve, pois, fallar ainda de resistencia? Pobre egreja! Condemnou, no espaço de tres seculos, todas as idéas que têm surgido; as idéas prevaleceram sempre contra os seus esforços. Em que luctas tem triumphado? Em que luctas é que não teve de retroceder e mendigar a protecção dos seus orgulhosos inimigos? Quando digo que a egreja está profundamente ferida, que a egreja morre!... Existe hoje, no mundo, uma esphinge, que busca um novo Edypo, e promette-lhe, além da vida, o imperio sobre todas as instituições da terra. O christianismo lê cem vezes o enigma e não acerta a decifral-o. Não, não será nem póde ser o novo Edypo. Morrerá seguramente com a esphinge.

Homens da reacção, quereis pois luctar com a corrente? Quereis, pois, a GUERRA?

FIM

BIBLIOTHECA DE LIVRE PENSAMENTO

OBRAS PUBLICADAS

A Sociedade Futura (exgotado).	600 réis
A Fé e a Rasão (exgotado)	20 »
Contradição aos Livros Santos (exgotado).	20 »
Authenticidade da Biblia (exgotado).	20 »
Origens da Biblia (exgotado)	20 »
Asneiras Biblicas (exgotado)	20 »
Autopsia á Biblia Sagrada (exgotado)	100 »
A Igreja e o Proletariado.	50 »
Carta a Pio Setimo	100 »
Entre Camponeses (exgotado)	50 »
A Minha Defeza.	40 »
A Escravidão Antiga e Moderna.	60 »
O Christianismo e a Rasão	30 »

Estas obras vendem-se no Kiosque Elegante — Rocio

A SAHIR :

A EGREJA E A ANARQUIA

O ESPIRITO REVOLUCIONARIO

Os pedidos acompanhados das importancias são satisfeitos na volta do correio sendo dirigidos ao secretario da Bibliotheca, Antonio Ernesto Dias da Silva, Rua Saraiva de Carvalho, 296, 1.º — LISBOA.

Grupo Solidariedade Internacional

Aos homens de coração lembramos-lhes esta bella instituição
A quotisação é voluntaria. Para esclarecimentos, Rua No
Loureiro, 53, Lisboa.

I.C.S.

P.Q.1083